



Artigo

A autonomia na aprendizagem em educação a distância: competência a ser desenvolvida pelo aluno

Mônica de Lourdes Gottardi¹

RESUMO

O presente artigo refere-se à pesquisa qualitativa – tipo estudo de caso – acerca de Educação a Distância no desenvolvimento das competências profissionais em uma Instituição Educacional que oferece essa modalidade de cursos (EaD) no Estado do Rio Grande do Sul. O estudo objetiva análise do desenvolvimento da autonomia do aluno colaborador durante o processo de aprendizagem por meio dessa modalidade. Tendo em vista a importância das análises e as reflexões da prática cotidiana da EaD, a opção metodológica deu-se pela entrevista semiestruturada, cujos resultados comprovam a autonomia. Assim, a construção de aprendizagem torna-se inovadora para o aluno por meio de compromisso com responsabilidade, iniciativa, administração do tempo, busca de soluções e empenho nas atividades, além de colaboração e interação com colegas e professores-tutores de curso. Trata-se de estudo relevante em contexto incipiente de utilização dessa modalidade com inúmeros aspectos positivos na educação, como forma de democratização e desenvolvimento do ser humano nos âmbitos educacionais e de qualificação para o trabalho através do incremento das competências, do desenvolvimento de autonomia e de interação durante o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação a Distância. Autonomia. Aluno.

ABSTRACT

This article refers to a qualitative research, a case study, on distance education in the development of professional skills in an Educational Institution that offers courses at distance in the state of Rio Grande do Sul. The objective of this study is to analyze aspects of the student's autonomy development during the learning process through distance education. Considering the importance of everyday practice analysis and reflections, the methodological choice was based on semi-structured interview, which has shown results that prove the autonomy. Thus, the learning construction becomes innovative for the student through commitment with responsibility, initiative, time management, search for solutions and engagement in activities, as well as collaboration and interaction with colleagues and course tutors. This is a relevant study on incipient context of use of this modality with many positive aspects in education, as a form of democratization and human development in the educational field and qualification for work by increasing the skills, in the development of autonomy and interaction during the process of teaching and learning.

Keywords: Distance Education. Autonomy. Student.

¹Faculdade da Serra Gaúcha (FSG). E-mail: monica.gottardi@fsg.br

RESUMEN

Este artículo se refiere a la de tipo cualitativo de investigación de estudios de caso sobre la Educación a Distancia en el desarrollo de habilidades profesionales en una institución educativa que ofrece este tipo de cursos (DE) en el estado de Rio Grande do Sul. El estudio de análisis objetivo el desarrollo de estudiante revisor autonomía durante el proceso de aprendizaje a través de esta modalidad. Dada la importancia de los análisis y reflexiones de la práctica cotidiana de la educación a distancia, la opción metodológica fue debido a las entrevistas semi-estructuradas, cuyos resultados demuestran la autonomía. Así, la construcción de aprendizajes es innovador para el estudiante a través del compromiso con la responsabilidad, la iniciativa, la gestión del tiempo, la búsqueda de soluciones y compromiso con las actividades, así como la colaboración y la interacción con sus compañeros y profesores, tutores del curso. Se trata de estudio relevante en el contexto de incipiente uso de esta modalidad con muchos aspectos positivos en la educación como un medio para la democratización y el desarrollo humano en los niveles de educación y habilidades para trabajar por el aumento de las habilidades, el desarrollo de la autonomía y interacción durante el proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: Educación a Distancia. Autonomía. Estudiante.

INTRODUÇÃO

Educação a Distância (EaD) é modalidade de aprendizagem formalmente inserida no contexto educacional, apresentando rápida expansão no cenário mundial. Isso é compreendido ao se analisarem novas demandas políticas e sociais, frente às necessidades e exigências de contínuo aperfeiçoamento profissional no mercado de trabalho. No âmbito tecnológico, inovações possibilitam novas situações de aprendizagem; no âmbito

pedagógico, EaD, como modalidade flexível, corresponde ao paradigma da autoformação, sendo alternativa viável de conhecimentos e aprendizagem no atual contexto educacional. Ela vem ao encontro das necessidades atuais, proporciona construção do conhecimento de forma colaborativa e em redes, independentemente de tempo e espaço, como forma auxiliar na resolução de alguns problemas da educação brasileira.

O Decreto 5.622, de 19.12.2005, que regulamenta o artigo 80, define EaD como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

A modalidade possui instrumentos capazes de contribuir com a educação brasileira e acredita-se que, sem uso intensivo da tecnologia, as instituições educacionais terão dificuldades de atingir toda a sua gama de formação e capacitação na educação. Conforme Behar (2009, p. 27), o conceito de EaD refere-se a

[...] uma forma de aprendizagem organizada que se caracteriza basicamente pela separação física entre professor e aluno e a existência de algum tipo de tecnologia de mediatização para estabelecer interação entre eles.

Ou seja, professor e aluno não precisam dividir o mesmo espaço e/ou o mesmo tempo para que ensino e aprendizagem se concretizem na EaD.

Devido à flexibilidade de tempo e espaço, nessa modalidade, alunos necessitam empenhar-se disciplinadamente na definição de horários fixos de estudo em casa e/ou no trabalho, sendo-lhes disponibilizado um sistema de recursos materiais, tecnológicos e

pedagógicos, a fim de proporcionar suporte nos estudos. Como na modalidade ocorre distanciamento físico entre professor e aluno, é preciso automotivação e disciplina, além de incentivo e investimento de professores e tutores.

Preti (2005) faz referência a diferentes dimensões da autonomia na EaD, refletindo o papel do aluno, dos educadores e da instituição educacional. Segundo o autor, cabe ao aluno, neste novo cenário, assumir para si a responsabilidade da sua própria formação, sendo autonomia e disciplina para o estudo compromissos de todo o processo educativo.

O desafio está na constante reflexão e nas pesquisas de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para que ocorra de forma autônoma e disciplinada por parte do aluno e, ao mesmo tempo, com caráter comunicativo, conversacional e colaborativo para a aprendizagem.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. O conceito de autonomia nas teorias de EaD

O desenvolvimento da EaD, a partir do surgimento de cursos por correspondência, remete à descrição e análise do conceito de autonomia presente nas principais teorias. A relação entre aluno e professor-tutor é marcada pela separação física e transacional, que pressupõe autocontrole e autodireção dos alunos, assim como relativa independência e autonomia de ações perante as atividades propostas. A partir dessa separação, surge o tema autonomia e suas conseqüentes potencialidades e limitações na EaD. Dewey (1916, p. 353) definiu o conceito de atividade autônoma⁵, afirmando que crianças e adultos precisam ser deixados sozinhos, ou seja, “[...] por meio das próprias observações dos alunos, de suas reflexões, formulação e sugestões, terão condições de ampliar aquilo que já é conhecido”.

Wedemeyer (1975) conceitualmente descreveu o conceito de aprendizagem independente⁶ e Knowles (1988) propôs um conceito que teve muita repercussão na literatura educacional, a aprendizagem autodirigida⁷, na qual:

[...] os estudantes fazem o diagnóstico das próprias necessidades de aprendizagem, de acordo com seus objetivos, identificando variedade de recursos pedagógicos e planejando estratégias para utilizar esses recursos, avaliando a própria aprendizagem e tendo sua avaliação validada (KNOWLES, 1988, p. 5).

Os primeiros teóricos a incorporar o conceito de autonomia em uma teoria de EaD foram Moore e Kearsle (2007), que a associaram a termos como a independência e autonomia.

A distância transacional para Moore e Kearsle (2007) representa oportunidade no processo de ensino e aprendizagem relacionada à autonomia, ou seja, quanto maior a distância transacional entre os agentes em função das variáveis diálogo e estrutura, maior a oportunidade para o aluno realizar seus estudos de forma autônoma. Assim, autonomia é o ideal a ser alcançado pelos alunos, como um indicativo de maturidade para a aprendizagem. De acordo com Moore (apud BERNATH; VIDAL, 2007, p. 4):

[...] usando o constructo, podemos conceber cursos para diferentes graus de autonomia, variando o diálogo e a estrutura e, do ponto de vista da investigação, podemos explorar e testar muitas interações dentro e entre essas variáveis.

Peters (2003) associa os termos independência e autonomia a processos industriais de produção em massa. O autor incorpora

⁵ *Self-activity*.

⁶ *Independent learning*.

⁷ *Self directed learning*.

gradativamente, em sua teoria, benefícios das novas tecnologias⁸ da informação para processos de aprendizagem autônoma, ressaltando que:

Maiores níveis de atividade e de interatividade são atingidos com relativa facilidade, e existem muitas outras possibilidades promissoras para o desenvolvimento da aprendizagem autônoma e para o comportamento auto-regulado. A autodireção, que sempre tem de ser considerada um pressuposto necessário para a aprendizagem de alunos a distância, pode ser realizada com o auxílio de computador em nível qualitativamente superior. Por razões pedagógicas importantes, seria irresponsável não fazer uso dessas novas oportunidades para a otimização pedagógica. (PETERS, 2003, p. 90).

Portanto, Peters (2003) reforça que processos educacionais decorrentes do contexto pós-industrial poderão favorecer a aprendizagem autônoma. Ou seja, novos processos de ensino e aprendizagem possibilitarão a alunos aprendizagem de forma independente, mas por meio da mediação de tecnologias para potencializar as características requeridas para o processo de aprendizagem colaborativa.

Para Belloni (1999), aprendizagem em EaD caracteriza-se essencialmente pela flexibilidade, abertura dos sistemas e maior autonomia do aluno, sendo mais coerente com transformações sociais e econômicas contemporâneas, pois o fundamento deste modelo enfoca o processo de aprendizagem no educando e não no ensino ou nas tecnologias utilizadas. A autora refere que EaD é mais uma modalidade de educação e que aprendizagem a distância relaciona-se mais com modos de acesso, com metodologias e estratégias pedagógicas, defende que a modalidade tem todas

as características necessárias para favorecer a postura ativa de educação permanente e aprendizagem autônoma.

Assim sendo, EaD contribui para a educação, pois traz facilidades de o aluno estabelecer seu ritmo de busca por novas informações e conhecimentos, destituindo o antigo paradigma de que somente a escola – em sua função formal – poderia ensinar. Corrobora com Ferreira e Silva (2009), que referencia EaD como educação sem fronteiras e acessível a todas as pessoas como forma de aprendizagem de novos conhecimentos e de qualificação:

Do ensino presencial passa-se para o modelo a distância por meio de simulações virtuais, programas de formação continuada no universo on line, sites que investem na realidade virtual e criam escolas virtuais baseadas no e-learning, além de uma infinidade de estratégias que motivam os alunos ao processo colaborativo na aprendizagem. (FERREIRA; SILVA, 2009, p. 5).

A EaD, apoiada pelas tecnologias da comunicação e metodologias de ensino, traz modificações nas funções tradicionais do ensinar e aprender, a “sala de aula” não é o único espaço possível de aprendizagem. Tem-se possibilidade de mudar da sala de aula – espaço físico – para sala de aula virtual, no ciberespaço. Nesse ambiente de aprendizagem, estabelecem-se novas relações entre professores-tutores e alunos. Embora em ambas as modalidades o objetivo seja o mesmo: construir novos conhecimentos e educar para cidadania, ambas se comportam diferentemente nos seus devidos espaços. Paradoxalmente, EaD impõe interlocução e interação permanente, proximidade pela comunicação e diálogo (PRETTI, 2000).

Pretti refere-se à nova realidade:

Feche por uns minutos os olhos e imagine uma escola sem salas de aula, sem paredes, sem carteiras, com estudantes

⁸ As novas tecnologias de hoje, segundo Borba (2004), referem-se, principalmente, aos recursos disponíveis nos ambientes de educação a distância (EaD), como *chat*, correio eletrônico, portfólio, agenda, *applets* etc.

indo e vindo, conversando, lendo em diferentes espaços livres, ora reunidos em equipe, ora desenvolvendo atividades individuais, com horários diversificados para atendimento individual ou em grupos, com calendário flexível, acompanhamento personalizado, sob a orientação de um grupo de educadores etc. Talvez, você exclamará surpreso: “Esta escola não existe. Quem sabe, num futuro seja possível!” Não estou falando da educação do futuro. Na realidade, estou falando de uma educação real e atual, possível e que está acontecendo em nosso país, sobretudo, na modalidade a distância, graças aos avanços das novas teorias da Física, da Biologia, da Psicologia, da Comunicação, da Pedagogia etc. e às novas tecnologias da comunicação. (PRETI, 1996).

A EaD dimensiona a pedagogia que contribui para um novo modo de ser e de aprender. Segundo Neder (2000), por meio do interesse e da determinação em superar limites que nos têm como seres humanos e, segundo Lévy (1999, p. 19-20), “[...] pelo aumento da autonomia dos indivíduos em multiplicar suas faculdades cognitivas”. Sendo assim, essa modalidade é a possibilidade de transformação e inovação no aprender novos conhecimentos de forma colaborativa, além de desenvolvimento de responsabilidades no processo de aprendizagem.

1.2. O significado da autonomia em EaD e o seu desenvolvimento no aluno

Define-se autonomia como “capacidade de governar a si mesmo” (HOUAISS, 2004, p. 78). Ou seja, um indivíduo é considerado autônomo quando tem capacidade de administrar e gerenciar seus compromissos e atividades; quando alunos estabelecem ação interativa com materiais didáticos e metodologias de ensino, estimulados por ações pedagógicas de professores-tutores que atuam como instigadores cognitivos oportunizando aprendizagem colaborativa.

No ambiente virtual de aprendizagem, alunos desenvolvem a capacidade de determinar seu ritmo, de acessar o conteúdo quando e quantas vezes forem necessárias na busca da compreensão do que desperta interesse e desejo de aprender. Para apoiar a construção desse novo exercício de autonomia em EaD, alunos valem-se de ferramentas específicas que oferecem formas de acessar informações e estabelecer interações com os envolvidos no processo educacional, conforme citam André e Costa (2004):

A era do conhecimento requer cada vez mais que as pessoas sejam capazes de construir conhecimentos e habilidades com outros e transmitir-lhes o que sabem, instigando-os a enriquecerem seus horizontes vitais e estimulando-os ao desenvolvimento contínuo de seus potenciais ao longo da vida. Além disso, a melhor forma de aprender é ensinar. (ANDRÉ; COSTA, 2004, p. 85).

No contexto da relação pedagógica que se estabelece, a autonomia reside na capacidade de o sujeito tomar para si sua própria formação. O mercado de trabalho exige cada vez mais habilidades de aprendizagem para que o profissional possa não somente lidar com as muitas demandas de informações das redes virtuais, mas também tenha capacidade de utilizar apoio de ferramentas da tecnologia para se atualizar profissionalmente. As exigências na formação de cada área profissional tendem a mudar, e o aluno precisa estar preparado para as transformações; cada um tem formas preferenciais de aprendizagens que são consolidadas continuamente ao longo do processo educacional. Sendo assim, espera-se que ele construa sua autonomia processualmente e continuamente por meio da EaD.

A autonomia na aprendizagem é democrática, requer disciplina, planejamento, decisão, organização, persistência, motivação, avaliação e responsabilidade. A aprendizagem

não é processo que ocorre “a distância”, afastada da relação com o outro, sem interação e convivência e, portanto, “solitária”; muito pelo contrário, ela deve ser solidária e colaborativa.

O termo “presencialidade” significa também o “estar juntos virtualmente”. O espaço físico está dando lugar ao ciberespaço ou à construção de “redes de aprendizagem”, por meio das quais professores e alunos aprendem juntos, interagem e cooperam entre si, colaborando e, conseqüentemente, oportunizando aprendizagem cooperativa e colaborativa. Segundo Maturana (2001, p. 103): “Aprendizagem não é a captação do nada: é o transformar-se em um meio particular de interações recorrentes”.

No que diz respeito ao significado do aluno autônomo na EaD, Arcúrio (2008), conceitua-a da seguinte forma:

Um aprendiz autônomo no universo da educação a distância deve saber utilizar de certa forma os recursos tecnológicos que a modalidade disponibiliza, adequando as diversas necessidades individuais de acordo com a flexibilidade de horário para o estudo, atendimento personalizado, inovação das metodologias de ensino, aperfeiçoamento e novas oportunidades de avaliação da aprendizagem, sem manchar suas normatizações legais, assim como o grande crescimento de um relacionamento interpessoal. (ARCÚRIO, 2008, p. 2).

A modalidade em EaD respeita o período de concentração e de interesse individual para o estudo, que tem potencial relação com o desenvolvimento intelectual, como descrito por Keough (1982). O aprender de forma autônoma desfocaliza a visão passiva do educando que, neste caso, precisa ser ativo no aprendizado e no estudo.

Cerdeira (apud PRETI, 2005), ao tratar da temática, assim se refere:

Quando um estudante recebe informações que o levam a pensar que o seu sucesso se justifica pela conjugação das suas capacidades com dispêndio de esforço, este desenvolve a sua percepção de autoeficácia, melhora a qualidade de sua execução e, de acordo ainda com a teoria cognitivo-social, eleva o seu estado de motivação. (CERDEIRA apud PRETTI, 2005, p. 10).

A autonomia do aluno é respeitada nessa modalidade, pois reconhece mudanças na sociedade atual que lhe fornece subsídios de atualização e práticas educacionais condizentes ao novo cenário de educação e trabalho. Nessa perspectiva, a instituição escolar tem seus paradigmas cada vez mais pressionados em prol de revitalização do campo educacional. Conforme Lévy (1999, p. 157), “[...] devemos construir novos modelos de espaço dos conhecimentos”.

Para Belloni (2001), a EaD propicia a aprendizagem autônoma, que é a aprendizagem centrada no aluno, cujas experiências servem como recurso, pois aluno autônomo é considerado gestor responsável pelo seu processo de aprendizagem. Diante disso, é necessário criar planejamento pedagógico diferenciado para o sucesso no uso das ferramentas tecnológicas do processo educacional. Na EaD, aluno passivo dá lugar a sujeito ativo, engajado no processo de construção e compartilhamento do conhecimento.

Tendo o professor-tutor de EaD a função de mediador, o aluno, por sua vez, é responsável por utilizar tal apoio oferecido de forma significativa. Palloff e Pratt (2004) listam três responsabilidades do aluno *on-line*, as quais consideram essenciais: construção de conhecimento, colaboração e gerenciamento do processo de aprendizagem. Ele é responsável pela busca de soluções para problemas relacionados ao conteúdo do curso, considerando problemas e soluções sob diferentes perspectivas e, inclusive, sob perspectivas de outros

colegas envolvidos no processo. O aluno deve questionar suas próprias hipóteses e as apresentadas pelo tutor e pelos colegas. Dessa forma, engajado no processo de aprendizagem, aprende a aprender e desenvolve o pensamento crítico e reflexivo para a construção do conhecimento (PALLOF; PRATT, 2004).

Na segunda responsabilidade – colaboração –, segundo Palloff e Pratt (2004), o aluno deve trabalhar com outros colegas, a fim de construir conhecimento e avaliar criticamente os conteúdos em estudo. Deve ser encorajado a buscar e compartilhar material extra para resolver questões apresentadas e fornecer *feedback* além da simples mensagem, pois o aluno deve ser capaz de realizar comentários consistentes a respeito das ideias apresentadas (PALLOF; PRATT, 2004). Todas essas práticas auxiliam no desenvolvimento crítico e reflexivo necessário para o engajamento na construção do conhecimento e da aprendizagem. Além disso, deve ser capaz de gerenciar e administrar seu processo de ensino-aprendizagem participando, interagindo e se engajando com outros colegas, além de ser responsável pela formação da comunidade de aprendizagem *on-line* (PALLOF; PRATT, 2004). Ele se torna responsável por mover o processo de aprendizagem adiante com maturidade e capacidade de análise crítica de forma autônoma.

Assim sendo, a modalidade em EaD busca recursos e formas para facilitar e promover aprendizagem por meio de estratégias que incentivem participação, interação, pesquisa, debate, diálogo e, especialmente, colaboração, cooperação e compartilhamento de pensamentos, ideias e soluções para a aprendizagem cooperativa. Se a aprendizagem autônoma está centrada na criação de ambientes colaborativos de aprendizagem, quais estratégias podem ser propiciadas para a produção de tais ambientes na EaD?

Faz-se necessário abordar de forma ampla o papel do professor-tutor que se propõe a ser mediador pedagógico na construção de

ambientes colaborativos de aprendizagem e favorecimento da autonomia. Moran, Masetto e Behrens (2000) mencionam que a ele cabe a tarefa de colocar em prática algumas estratégias que podem propiciar a produção desses ambientes, tais como:

Estar mais voltado à aprendizagem do aluno, estabelecer relações de empatia, promover co-responsabilidade e parceria, criando clima de mútuo respeito para com todos os participantes, abordar a construção do conhecimento como o eixo da articulação da prática educativa, praticar a criatividade como uma atitude alerta para buscar, com o aluno, situações novas e inesperadas, ter disponibilidade para o diálogo, considerar a subjetividade e a individualidade dos atores do processo educativo, cuidar para que sua expressão e comunicação sempre estejam em condições de ajudar a aprendizagem e incentivar o aprendiz, comumente para dialogar, lançar perguntas orientadoras, propor desafios, reflexões e situações problema. (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 168).

Na EaD, o professor-tutor deve desenvolver mediação pedagógica que possa promover o pensamento dos alunos, bem como auxiliá-los a implementar seus projetos e compartilhar problemas, auxiliando-os e instigando-os a entender, analisar, testar e corrigir suas dúvidas e falhas, com o objetivo de desenvolver seus conhecimentos, incentivar a aprendizagem e o pensamento. Lévy (1999) complementa a argumentação: “[...] sendo especialmente um animador da inteligência coletiva para colaborar com a aprendizagem cooperativa”.

2. METODOLOGIA

2.1. Caracterização do estudo

A pesquisa desenvolvida é de cunho qualitativo e o método de investigação utilizado

é o de entrevistas semiestruturadas com perguntas previamente elaboradas. Os sujeitos participantes foram colaboradores que realizaram módulos de qualificação e capacitação, bem como professores-tutores e coordenador de Educação a Distância dispostos a participar de maneira voluntária da pesquisa.

A pesquisa de abordagem qualitativa foi analisada a partir dos depoimentos e informações dos participantes. A escolha pela abordagem qualitativa deu-se ao fato de que ela coloca o pesquisador em contato direto com o objeto investigado, tendo nisso sua principal característica, fazendo com que o pesquisador torne-se o seu principal instrumento (TRIVIÑOS, 1987).

Para Godoy (1995; 2006), a diversidade existente entre os trabalhos qualitativos enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber, que ela compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

2.2. Campo empírico

O campo empírico da investigação foi uma empresa privada, cuja sede administrativa localiza-se em Porto Alegre (POA). A escolha deu-se a partir do conhecimento da pesquisadora na utilização e aplicação da prática de Educação a Distância nos colaboradores, tendo em vista já ter atuado como docente nessa instituição.

A empresa escolhida para a pesquisa realizada – instituição educacional com unidades em diversos estados – centrou-se nas unidades educacionais e no Setor Administrativo de Porto Alegre. Para realização de cursos na

atuação da unidade em Educação a Distância, a instituição valeu-se de ambiente virtual de aprendizagem que permite interação entre participantes por diferentes meios de comunicação: fórum, *chat*, mensagens, entre outros. Embora a empresa disponibilize cursos para público interno, os cursos em Educação a Distância são também oferecidos a clientes externos, pois a unidade possui serviço especializado em Soluções Corporativas em Educação a Distância, que assessora a estruturação de projetos, além de desenvolver e customizar conteúdos para tal modalidade de educação em empresas e instituições.

2.3. Participantes do estudo

O número de participantes do estudo compreende 12 colaboradores, sendo que 9 deles já concluíram qualificações e cursos em Educação a Distância na empresa e/ou estavam em fase de qualificação. Além deles, há um professor-tutor que ministra e acompanha os cursos de Educação a Distância na empresa e um Coordenador do Programa.

2.4. Instrumentos de coleta de dados

A coleta das informações foi realizada por meio de instrumentos de análise de documentos, manuais, apostilas e avaliações de cursos de Educação a Distância, *software* e ambiente virtual de aprendizagem por meio de materiais utilizados pela empresa. A coleta valeu-se também de dados obtidos quando da aplicação das entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de analisar, aprofundar respostas e investigar motivos, sentimentos, pensamentos e reflexões dos entrevistados.

Segundo Bailey (1982), a entrevista semiestruturada combina perguntas fechadas e abertas e permite ao entrevistado discorrer sobre o tema sugerido sem que o entrevistador fixe, *a priori*, determinadas respostas ou condições. Gil (2002) complementa que a entrevista semiestruturada é guiada

por uma relação de questões de interesse, cujo roteiro o investigador explora ao longo do desenvolvimento.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1. O desenvolvimento da autonomia do aluno em EaD

A autonomia é reconhecida como premissa para a EaD, pois se espera do aluno maior envolvimento com o processo de aprendizagem, durante o qual ele assume a maior parte da gestão desse processo de forma individualizada, priorizando, dentre os objetivos educacionais propostos, aqueles que serão contemplados em primeiro lugar, organizando o tempo e os cronogramas de estudo, definindo horários e a busca de materiais de apoio, assim como conhecendo melhor o seu próprio estilo de aprendizagem, suas dificuldades e formas de superação. Corroboram afirmações de Belloni (1999) e Petters (2003) sobre a EaD como potencializadora de aprendizagem ativa, autônoma e independente. Nos depoimentos da pesquisa realizada com alunos em EaD, evidencia-se a autonomia como essencial ao processo de aprendizagem, e seu desenvolvimento ocorre geralmente durante o decorrer do curso.

Quando questionados se EaD exige desenvolvimento da autonomia do aluno, as respostas dos entrevistados reiteram que a autonomia é desenvolvida no decorrer do curso, conforme o depoimento de A9, afirmando que EaD

[...] desenvolve muito a autonomia, porque temos que buscar muitas informações. Fiz um curso de informática, que era a distância e tinha algumas atividades que eu tinha que fazer e buscar informações. A questão da autonomia é de ter paciência, de conseguir fazer alguma atividade, e isto é bem presente em EaD. A

autonomia, se o aluno não tem no curso EaD, ele não consegue nem construir durante o curso, e desiste.

Os depoimentos corroboram Pink (2009) sobre a necessidade de o aluno administrar seus estudos e ter autonomia referente a questões de técnica, tarefa e tempo.

A7 reitera a afirmativa expressando que

[...] sim, porque todas temos que ir atrás e buscar a informação, estar atento ao calendário, não perder os prazos, então tudo isso fez com que achava que tinha desenvolvido autonomia e até um pouco mais perceber a atitude de organização, de cumprir os prazos e de buscar outras informações, e inclusive de estabelecer relação entre o conteúdo, e trocar ideias com os demais profissionais.

Um aprendiz autônomo em EaD deve saber utilizar de forma certa recursos tecnológicos que a modalidade disponibiliza, adequando diversas necessidades individuais de acordo com a flexibilidade de horário para o estudo, atendimento personalizado, inovação das metodologias de ensino, aperfeiçoamento e novas oportunidades de avaliação da aprendizagem, sem manchar suas normatizações legais, assim como o grande crescimento de relacionamento interpessoal (ARCÚRIO, 2008).

A análise das narrativas evidencia presença da autonomia no sentido de comprometimento do aluno, gerenciamento do tempo e dedicação para atividades.

A9 cita:

[...] é importante a dedicação no sentido de que ninguém vai fazer por você, você tem que se dedicar para aquele assunto, conteúdo, porque sei que se eu não ler, se não me dedicar eu não vou conseguir aprender o que o curso está propondo.

A autonomia é percebida no sentido da construção do próprio conhecimento a partir das atividades propostas. A3 assim reitera:

[...] a questão da busca, de se conseguir ter um conteúdo, receber aquele conteúdo e ter capacidade de estudar e interagir com teus colegas, construindo um conhecimento. É ter um olhar autônomo daquele teu conhecimento que construiu.

Concorda com Almeida (2003) quando refere que no ambiente digital de aprendizagem há sofisticação que exige do aluno certa autonomia e quebra da relação de dependência, ou seja, característica de uma abordagem de ensino que, em algumas situações tradicionais, já se mostrou inadequada e ineficiente. Evidencia-se, portanto, a importância de desenvolvimento da autonomia por parte do aluno no decorrer dos cursos.

A9 expressa a afirmativa por meio de experiência pessoal:

[...] como eu fiz um tecnólogo em EaD, tive que aprender a desenvolver essa autonomia e nos demais cursos eu fui seguindo a mesma linha; claro que sempre aprendemos bastante, mas no primeiro sempre é um desafio maior.

A autonomia se concretiza para o aluno através de gerenciamento do tempo, do cumprimento de prazos e dedicação para atividades. A7 ilustra a afirmativa:

[...] em EaD, você se perder, não fazer as atividades e não seguir o cronograma e por ser nesse ambiente que o professor também está conversando contigo, e não acessar, você perde o vínculo. Precisa estar acessando com qualidade, entregando as tarefas.

Autonomia na aprendizagem em EaD colabora de modo democrático para a educação

e, ao mesmo tempo, exige que o aluno desenvolva disciplina, organização, persistência, motivação, decisão e responsabilidade. As análises e depoimentos reiteram a fundamentação teórica de Pallof e Pratt (2004), quando citam que o aluno é responsável pelo seu processo de ensino-aprendizagem na construção do conhecimento, atuando de forma colaborativa com os integrantes do processo educacional.

A4 expressa a importância da disciplina como hábito de estudo em EaD:

[...] a autonomia de estudar exige a disciplina e responsabilidade, ou seja, exige mais disciplina, até porque a internet possui muitos pontos que podem desviar a atenção, pois tem muitos recursos rápidos, material, vídeos. Se você está estudando pelo computador, pela internet corre esse risco. Então acho que é essa a disciplina em EaD, de todo dia ir para aula e estudar. A disciplina é um hábito, é algo que cresce contigo pra desenvolver bem consigo. Vai percebendo que precisa disso.

Cada indivíduo tem seu método preferencial de aprendizagem e o adquire no decorrer do processo de aprendizagem e de estudo. Para que o aluno construa sua autonomia de acordo com o tempo, a EaD disponibiliza e torna viável várias linguagens de aprendizagem para determinado assunto. Moore e Kearsle (2007) consideram-na um ideal a ser alcançado, favorecendo a aprendizagem e a maturidade do aluno.

A2 expressa o desenvolvimento da autonomia a partir dos cursos de EaD:

[...] a autonomia que eu tenho hoje é de interagir mais com os colegas, de participar mais. Eu participo bem mais do que eu participava antigamente, antes eu tinha medo, postava alguma coisa, levava muito tempo pra postar.

A autonomia percebida como competência a ser desenvolvida durante o curso de EaD é confirmada por A8, quando afirma:

[...] eu considero uma competência a autonomia, no sentido de eu fazer meu horário minhas horas de estudo, sei onde pesquisar, então é um comprometimento e comprometimento está dentro de uma competência, então eu vejo ela como uma competência.

Zarifian (2001) identifica três domínios de competências: autonomia, responsabilização e comunicação. Essa classificação reforça a formação de competências diretamente relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem na EaD e os pressupostos teóricos já esboçados anteriormente.

Segundo A8, uma experiência pessoal de seus cursos de EaD comprova:

[...] a minha comunicação virtual melhorou muito, tenho sido mais objetivo em respostas de *e-mails*, em algumas atividades referentes ao curso, em pesquisar na internet ficou muito mais fácil, a própria interação de usar as fontes e os autores, pesquisar artigos já tenho uma facilidade enorme e buscar bancos.

A5 ilustra desenvolvimento de autonomia em EaD, relacionando-a inclusive à prática de seu trabalho:

[...] sim, desenvolvi a autonomia, porque eu estava fazendo errado ou eu pensava estar certo, correto sobre uma determinada situação, e no curso eu aprendi que não, que é de outra maneira. Que a forma correta de se fazer a atividade é daquela maneira. Então eu consegui colocar em prática o que eu aprendi, e isso permite um pouco de autonomia.

A3 também reforça a afirmativa quando reconhece a importância da autonomia nas atividades e na interação com professores:

[...] sim, porque você tem que ler muito mais, tem que estudar, porque se você está com o professor ali e faz a pergunta ele vai te responder. Em EaD você tem que ter muito essa interação, muitos dos professores que eu tive, não respondiam, e diziam, olha nesse material aqui, olha no *site* tal, pesquisa aqui que você obterá as respostas.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 16), “Somente podemos educar para a autonomia, para a liberdade, com processos fundamentalmente participativos, interativos, libertadores, que respeitem diferenças, que incentivem e apoiem orientados”.

Ao professor-tutor de EaD cabe

[...] promover a comunicação na comunidade de aprendizagem, incentivando o intercâmbio de experiências e a circulação do saber entre os agentes do processo (ARCÚRIO, 2008, p. 3).

Nesse processo interativo, com liberdade de tempo e de espaço, o desenvolvimento do potencial de autonomia do aluno consiste em sua instrumentalização para se deparar com novas formas de aprender, de saber e de fazer uso adequado das tecnologias com recursos e formas de incentivo para participação, interação e aprendizagem colaborativa dos alunos envolvidos no processo educativo.

Por meio do depoimento de C1, evidencia-se a importância e a ênfase da autonomia na aprendizagem e estudos em EaD, pois

[...] falamos bastante na questão da autonomia, que quem for trabalhar, ou estudar na modalidade a distância precisa desenvolver essa autonomia. Realmente, depende muito do aluno e muito mais do aluno. Porque o que acontece, no presencial às vezes se trabalha o dia inteiro chega no final do expediente de trabalho, pega teus materiais e vai para a aula, sem ter se preparado, sem ter feito uma leitura.

Moore (1993) considera que autonomia surge com o processo de maturação do indivíduo, ressaltando que programas de Educação a Distância, devido à sua estrutura, requerem alunos com comportamentos autônomos, de modo a conseguirem concluir com êxito os programas de aprendizagem. Conclui-se, assim, que o perfil de aluno autônomo precisa ser desenvolvido nos cursos de EaD, o que se comprova em depoimentos, conforme afirmativa de C1:

[...] é bem importante que ele seja um aluno autônomo, mas também é possível que ele desenvolva essa autonomia ao longo dos seus estudos. Porque algumas pessoas não têm experiência com EaD e durante o processo que terá oportunidade de verificar e desenvolver essa competência.

Reforça a afirmação o exemplo prático de vivência profissional na questão da autonomia, que permite o desenvolvimento e a atitude da organização:

[...] ministrei um curso de EaD no Pós e foi bem positivo que no final os alunos vieram dizer, olha professora, a organização que eu preciso ter para estudar a distância me ajudou a me organizar para o resto da minha vida. Porque tenho que organizar os meus momentos de estudo, momentos de desenvolver as atividades. E essa organização para ser aluno virtual, oportuniza uma organização para a vida do aluno que realmente é forte, assim como a autonomia.

As afirmações de C1 reiteram-se com as de Belloni (2001), que abordam a necessidade da postura ativa, centrada e autônoma do aluno em EaD:

[...] a organização e autonomia que o aluno precisa ter é muito evidente, mas

também reitero que um estudante que não seja tão autônomo ele poderá desenvolver, tanto a autonomia como a organização. Acredito que a responsabilidade como um todo deve ser desenvolvida, porque normalmente na EaD se tem um cronograma de atividades, entrevistas, leituras, interações, o momento do fórum, em que uma semana tem o fórum para participar e o aluno precisa se dar conta dessa participação naquele período porque os outros colegas também estarão participando e a contribuição dele será para todos. Outras atribuições também, em termos de conhecimento das tecnologias, ele precisará desenvolver em ambientes digitais.

No papel de tutoria em cursos de EaD, a percepção quanto à autonomia ocorre de forma crescente e com melhorias evidenciadas através da experiência profissional, o que se comprova no depoimento de T1:

[...] acredito que a autonomia vem numa crescente. Ainda falta muito para chegar no patamar desejado, mas confesso que já está bem melhor do que estava. Porque eu vejo isso pela situação a seguinte, muitos alunos preocupados em, por exemplo, postar as atividades no prazo específico. Então isso eu não via no início, agora eu já começo a observar aquela pessoa preocupada, e essa preocupação quando vem questionada, às vezes, não temos o contato, é só por *e-mail*, e eles já têm uma própria autonomia para ir buscar essa informação ou se o sistema está fora, ou se é problema no micro deles, eles já têm essa preocupação em buscar e resolver as situações.

Inegavelmente, a modalidade de EaD favorece o aluno no sentido de que, com sua postura ativa e de busca de resolução, assume responsabilidade e maturidade para o processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto da sociedade contemporânea tem exigido nova postura em relação à formação e ao aperfeiçoamento, para que pessoas consigam se manter ativas e participantes da sociedade.

Segundo Belloni (2001), faz parte da evolução a constante mudança; assim, o atual contexto social necessita de um novo modelo de cidadão trabalhador; por isso, a obrigatoriedade de a educação ajudar a habilitar e formar o novo modelo que deverá ter múltiplas habilidades, ser cooperativo e ter capacidade de adaptação às diferentes situações que enfrentará em seu cotidiano profissional e social.

Somos exigidos a apresentar maior agilidade, proatividade, respostas rápidas, imediatas e corretas, sendo que tais fatores relacionam-se diretamente com a capacidade de uso, de acesso e de adaptação às tecnologias, que permitem o acesso ao mundo virtual e suas possíveis atualizações. Portanto, cada vez mais deveremos ser autônomos na aprendizagem, na formação de educação continuada e nas ações profissionais. A nova sociedade exige habilidades de trabalho em equipe de modo cooperativo, pois as interações virtuais são cada vez mais constantes. Autonomia, criatividade e flexibilidade são elementos fundamentais para que o indivíduo possa otimizar o acesso às inúmeras possibilidades virtuais, de forma responsável, ética, coerente e altamente produtiva.

As formas de ensino-aprendizagem democratizam-se através da EaD, já que a quebra de fronteiras geográficas e espaciais é promovida pela tecnologia, pela interação e comunicação entre os usuários dessa modalidade. Sendo assim, buscam-se processos educativos por meios comunicacionais que possibilitem a troca, o diálogo e a mudança na aprendizagem e, para isso, interatividade, aprendizagem a distância (AD), flexibilidade de espaço/tempo, redes colaborativas, maior autonomia, integração de mídias e de linguagens tornam-se características essenciais da EaD.

Fundamental na EaD é o aluno vencer o desafio de estudar sozinho, obtendo autonomia do seu ato de aprender e, para isso, precisa desenvolver a habilidade de ter aprendizagem autônoma (FERREIRA; SILVA, 2009). Isso ocorre porque o aluno assume para si a responsabilidade de sua formação, tendo como suporte alguns componentes materiais e humanos planejados, acompanhados e avaliados para que tenha possibilidade de construir autonomia e aprendizagem durante o processo.

Essa perspectiva coloca-o como sujeito, autor e condutor do processo de formação, habilita-o à apropriação e reelaboração de conteúdos e à construção do conhecimento. O aluno obrigatoriamente terá de desenvolver habilidades para estudar em ambiente informatizado de aprendizagem com autodeterminação, orientação, seleção e capacidade de tomar decisões, habilidades de organização da aprendizagem e habilidades metacognitivas.

Embora as tecnologias estejam ligadas à educação, elas não modificam necessariamente a concepção pedagógica adotada, conforme defende Moran (2003), mas o uso da tecnologia nas questões pedagógicas fará, sim, a diferença. Temos possibilidade de usar a internet na EaD para somente reproduzir o modelo de transmissão de conhecimento, ou podemos aproveitá-la e utilizar as potencialidades dessa tecnologia para fazer educação inovadora, com modelo pedagógico mais centrado no aluno, valorizando colaboração, interação, construção de conhecimentos e aprendizagens, autonomia e pensamento reflexivo crítico.

Para atender às necessidades do indivíduo, do profissional e do aluno, fazem-se necessárias mudanças nas formas de ensinar e aprender. O modelo de ensino-aprendizagem baseado na transmissão de informações, memorização e reprodução dos conteúdos não mais atende às expectativas do indivíduo, as tecnologias de informação e comunicação oportunizam a interação pessoal necessária

ao ambiente virtual, onde conhecimento é construção dinâmica e contínua. Para que a interatividade aconteça, é imprescindível criar ambiente favorável no processo de ensino e aprendizagem, inserindo de forma concreta e satisfatória as tecnologias no trabalho pedagógico. Devido a esses fatores, verifica-se que a EaD exige muito compromisso e responsabilidade no enfrentamento de inúmeros desafios para a aprendizagem significativa.

Tendo em vista o instigante tema do Artigo – Educação a Distância –, cujo enfoque possibilita oportunidades de estudo e qualificação por meio da autonomia que proporciona, vê-se nele importante recurso para o aprendizado, para o trabalho e para a construção de aprendizagem democrática. Com EaD, a construção pedagógica de qualidade ocorre independentemente de lugar, hora ou professor presencial.

Seja em instituições, seja em empresas, é necessário e possível transpor desafios que se interponham no cenário da EaD, para que excelência e qualidade possam ser oportunizadas desde o aprendizado básico até o nível de saber mais elevado, como, por exemplo, cursos de mestrado e doutorado. Independentemente de faixa etária, de condição cultural ou de qualquer outra classificação, a EaD ocupa espaço definitivo e fundamental para a educação democratizada e comprometida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. **Educação a distância na internet**: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2003.
- ANDRÉ, S.; COSTA, A. C. G. **Educação para o desenvolvimento humano**. São Paulo: Instituto Ayrton Senna; São Paulo: Saraiva, 2004.
- ARCÚRIO, M. S. F. **Autonomia do aprendiz na educação a distância**. 23 dez. 2008.
- Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/autonomiadoaprendiz.asp>>. Acesso em: 02 fev. 2015.
- BAILEY, K. D. **Methods of social research**. New York: The Free Press, 1982.
- BEHAR, P. A. (Org.). **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BELLONI, M. L. Aprendizagem autônoma: o estudante do futuro. In: _____. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.
- _____. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BERNATH, U.; VIDAL, M. The theories and the theorists: why theory is important for research, with Boerje Holmberg, Michael Graham Moore, Otto Peters. **Distances et Savoirs**, London, v. 5, n. 3, p. 427-458, 2007.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- DEWEY, J. **Democracy and education**. New York: McMillan, 1916.
- FERREIRA, R. B. A. S.; SILVA, I. M. M. “Didática” no contexto da educação a distância: quais os desafios? **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v. 8, 2009. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2009/DIDATICA_NO_CONTEXTO_DA_EDCUACAO_A_DISTANCIA_QUAIS_OS_DESAFIOSraad2010.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2014.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. **RAE**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 65-71, 1995.
- _____. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- HOUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Moderna, 2004.
- KEOUGH, B. K. Children's temperament and teacher's decisions. In: PORTER, R.; COLLINS, G. M. (Org.) **Temperamental differences in infants and young children**. London: Pitman, 1982.
- KNOWLES, M. Preface. In: BOUD, D. (Ed.). **Developing student autonomy**. London: Kogan Page; 1988.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MOORE, M. G. Teoria da distância transaccional. In: KEEGAN, D. **Theoretical Principles of Distance Education**. London: Routledge, 1993. p. 22-38.
- _____; KEARSLE, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson, 2007.
- MORAN, J. M. Contribuições para uma pedagogia da educação *online*. In: SILVA, M. (Org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.
- NEDER, M. L. C. A orientação acadêmica na educação a distância. In: PRETI, O. **Educação a distância: construindo significados**. Brasília: Plano; Cuiabá: Nead/UFMT, 2000.
- PALLOFF, R.; PRATT, K. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes online**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PETERS, O. **A educação a distância em transição**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- PINK, D. N. **Motivação 3.0: os novos fatores motivacionais para a realização pessoal e profissional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- PRETI, O. Autonomia do aprendiz na educação a distância. In: _____ (Org.). **Educação a distância: construindo significados**. Brasília: Plano, 2000.
- _____. **Autonomia do aprendiz na educação a distância: significados e dimensões**. Cuiabá: Nead/UFMT, 2005.
- _____. Educação a distância: uma prática educativa mediada e mediatizadora. In: _____ (Org.). **Educação a distância: inícios e indícios de um percurso**. Cuiabá: EdUFMT, 1996.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- WEDEMEYER, C. A. The use of correspondence education for postsecondary education. In: KEEGAN, D. **Foundations of distance education**. 3rd. ed. New York: Routledge, 1975. p. 58-56.
- ZARIFIAN, P. **Objetivo competência: por uma nova lógica**. São Paulo: Atlas, 2001.

